
O «Anstoss» fichteano: ensaio de elucidação de uma metáfora

Pierre-Philippe Druet*

<Uma boa parte da literatura consagrada a Fichte, declara K. Schuhmann, é feita de *absurda comica* ou ainda de cuidadosas compilações de citações>¹. A severidade deste juízo poderia surpreender; ao menos ela incita a prudência a qualquer um que se aventure sobre o terreno dos estudos fichteanos que, desde uns quinze anos, conhece uma importante renovação marcada por uma proliferação de interpretações divergentes. Que a todas as pesquisas falte coordenação, que se deixe no esquecimento textos essenciais enquanto que outros tenham sido quase sempre frequentemente comentados, ninguém o contestará². Mas este defeito de coordenação não bastaria para justificar a impiedosa sentença de K. Schuhmann.

É nos vícios de seu método que inúmeros <comentários> devem tornar-se *absurda comica*. Ninguém dúvida, seguramente, que seja difícil tratar um tema <na moda> de maneira original. Mas isso é uma razão suficiente para erguer a extrapolação pura e simples ao grau de método crítico e para considerar como demonstração rigorosa opiniões que tomam sistematicamente o contrapé das teses clássicas? Bem, não parece menos seguro quando se examina os resultados de certas <interpretações> para os menos avisados. O

* Professeur na F.U.N.D.P - Namur e na U.C.L, Louvain-la-Neuve. Tradução: Agemir Bavaresco (PUCRS), Danilo Vaz-Curado R.M. Costa (UNICAP), Paulo Roberto Konzen (UNIR) e Greice Ane Barbieri (UFRGS). NT.; O presente texto apareceu pela primeira vez, sob o título de “L'«Anstoss» fichtéen: essai d'élucidation d'une métaphore”. In: *Revue Philosophique de Louvain*. Quatrième série, Tome 70, N°7, 1972. pp. 384-392.

¹ K. Schuhmann, *Die Grundlage der Wissenschaftslehre in ihrem Umrisse*, ed. La Haye, 1968, p. IX e p. 12.

² Assim K. Schuhmann é o primeiro a ter conferido a *WL* de 1810, a importância que ela merece de todo evidente, nós possuímos, pelo contrário, uma dezena de ensaios sobre a *WL* de 1804.

itinerário daquelas é finalmente muito simples: elas querem *reconstruir* o sistema em função de um dos seus elementos que seria a pedra angular. Mas esta progressão sintética, – em si rigorosa e frutífera, – repousa muito frequentemente sobre uma análise insuficiente dos termos a sintetizar. Ela faz pouco caso dos preceitos elementares do método fichteano e explora em seu proveito a obscuridade dos textos do filósofo. Se as noções são ambíguas, é preciso clarificá-las.

Isso serve para realçar, por meio de um exemplo, a necessidade de análise dos conceitos fichteanos, ao que o presente estudo se consagrará. A noção de *Anstoss* que ele vai procurar explicitar passa por uma das mais conhecidas de todas aquelas que implementa a *Grundlage der gesamten Wissenschaftslehre* de 1794³. Ela conta entre aquelas que o espírito cultivado associa quase que automaticamente ao nome de Fichte, do mesmo modo que as expressões <Eu> e <Não-Eu>, *Doutrina da Ciência e Discursos à Nação Alemã*. No entanto, o conceito de *Anstoss* é mal conhecido. Uma pesquisa histórica e linguística mostrarão, com efeito, que o campo semântico recoberto pelo termo *Anstoss* é, por sua vez, mais entendido e melhor circunscrito, o que não se deixa supor por sua tradução habitual em francês, a saber, <choque>.

II

A intenção de nosso trabalho de delimitar bem precisamente o domínio que ele vai percorrer. Somente trata-se de saber se traduzindo *Anstoss* por <choque> perdemos uma parte da significação do termo. A questão posta é, pois prejudicial e, em nenhum caso, a <interpretação> não pode lhe servir de solução.

Para abordar o problema, basta saber que o papel desempenhado pela noção de *Anstoss* é essencial na *Grundlage*. Fichte busca em quais condições a consciência real (a representação) é possível. A existência de um ser objetivo parece necessária. Sem aquela, não se vê como o dinamismo subjetivo poderia ser limitado, o que é a condição *sine qua non* da reflexão. Fichte declara então:

³ Todas as nossas citações serão feitas desde a edição I. H. Fichte (Berlim, 1845-1856 e 1834-1835), o número romano indicando o volume, o número árabe, a página. No que concerne à *Grundlagen*, nós adotamos, na maior parte dos casos, a tradução de A. Philonenko (Fichte, *Oeuvres choisies de philosophie première*, Paris, 1964).

<Este ser objetivo não tem nenhuma necessidade de existir, é necessário, por assim dizer, apenas um *Anstoss* existente para o Eu. Em outros termos, por causa de uma razão qualquer, mas estranha à atividade do Eu, o (dinamismo) subjetivo não deve mais poder progredir>⁴. Aí onde, nesta citação, nós mantivemos o substantivo alemão, todos os comentadores franceses introduzem a palavra <choque>⁵. Admitamos, pois, *provisoriamente* que *Anstoss* signifique <choque>. Um choque é a condição suprema de possibilidade da representação, ele é o <fato primitivo>, real na medida em que a representação *deve* ser possível⁶. A extrema importância da função desempenhada pelo *Anstoss* torna necessária a elucidação do conceito. O que significa *Anstoss*?

O contexto torna imediatamente evidente o caráter metafórico do termo. Inicialmente, se constatará o embaraço e as preocupações do discurso fichteano quando ele introduz tal noção. <Ele somente necessita, por assim dizer, de um choque...>. Em seguida, Fichte declara expressamente que a descrição do processo no qual intervém o choque se efetua inteiramente sob o modo da comparação. <Se nós imaginamos um ser inteligente qualquer, exterior ao Eu e observando-o antes e após o choque, para este ser inteligente, o Eu parece limitado, sua força parece repelida, tal, como por exemplo, no mundo dos corpos>⁷. Enfim, se nós supomos que o *Anstoss* significa <choque>, torna-se manifesto que isso é apenas metaforicamente, [a tal ponto] que se pode ver um choque na origem da consciência.

Ora, toda metáfora <consiste num transferir de sentido (termo concreto num contexto abstrato) por substituição analógica>⁸. Um termo é extraído de um contexto concreto em que ele tem normalmente seu lugar e transposto para um contexto abstrato, em virtude de uma certa analogia. Então, deve ser possível reencontrar a origem concreta de uma metáfora se conseguirmos definir a analogia que autorizou a substituição. O contexto no

⁴ Fichte, *Grundlage*, I, 210.

⁵ Cf. A. Philonenko, tradução das *Oeuvres choisies de philosophie première*, Paris, 1964, pp. 97 e segs; M. Gueroult, *L'évolution et la structure de la Doctrine de la Science chez Fichte*, 2 vol., Paris, 1930, vol. I, pp. 224 et sq.; X. Leon, *La philosophie de Fichte*, Paris, 1902, p. 83; E. Brehier, *Histoire de la philosophie*, tome II, fasc. 3, 5a ed., Paris, 1968, p. 625.

⁶ Fichte, op. cit., I, 219.

⁷ Fichte, op. cit., I, 265.

⁸ P. Robert, *Dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française*, Paris, 1967, s.v. «métaphore».

qual intervém a noção de choque se presta particularmente bem a esta operação.

Observaremos inicialmente que as duas comparações principais, que usa a *Grundlage*, antes de introduzir o <choque> são tiradas da física. Trata-se, de uma parte, da comparação com certas propriedades do ímã, de outra parte, a ilustração da noção do limite com a ajuda do par <luz-escuridão>⁹. Mas há ainda uma outra comparação que toma quase as proporções de uma afabulação. Ela inicia com a <Dedução da representação> e está centrada sobre a função do choque. <Que se represente, diz Fichte, a atividade indo ao infinito pela imagem de uma linha reta partindo de A e indo para B até C...>¹⁰. A imagem parece ser geométrica. Mas o leitor apercebe-se rapidamente que isto não é nada, Fichte fazendo imediatamente intervir as noções de direção desta linha reta, de reflexão e de direção refletida, e, sobretudo, de resistência (o choque), exercendo-se sobre o ponto C. A ilustração provém, então, da física e mais precisamente da mecânica. A linha orientada AC é de fato um vetor-força ou, melhor ainda, a representação da trajetória de um móvel animado de um movimento retilíneo uniforme. É neste contexto que aparece o choque, *deus ex machina* surge exatamente para resolver o problema da representação. Nós somos por consequência levados a supor que o choque é mesmo um dado desempenhando uma importante função na mecânica racional. Verifiquemos rigorosamente esta suposição.

A problemática do choque dos corpos, elásticos ou não, é sem dúvida alguma o centro das preocupações da mecânica racional pós-cartesiana¹¹. Galileu já a trata. Mas é em Descartes que ela tomará toda a sua amplitude e se tornará um tema de controvérsia em escala europeia. Assim, em 1668, a Sociedade Real de Londres proporá um concurso sobre as leis do choque. Leibniz, Huyghens, Wallis e Wren serão os laureados. Discípulos infieis ou adversários declarados de Descartes, eles nem mesmo continuam a estudar o problema posto por Maître, como o farão ainda Malebranche, o Abade

⁹ Fichte, *op. cit.*, I, 195-202 e 207-208, por exemplo.

¹⁰ Fichte, *op. cit.*, I, 228.

¹¹ Os dados históricos que seguem são tirados de: R. Dugas *Histoire de la mécanique*, Neuchatel, 1950. Assinalemos que devemos a ideia desta pesquisa a admirável obra de J. Vuillemin (*Physique et métaphysique kantienne*, Paris, 1955). A elucidação da noção de vontade geral (*volonté general*) em Rousseau por A. Philonenko (*Théorie et Praxis dans la pensée morale et politique de Kant et de Fichte en 1793*, Paris, 1968, cap. XIX) parece-nos proceder da mesma forma.

Mariotte, Maupertius e mesmo Kant. Portanto, é legítimo afirmar que a problemática do choque dos corpos constituía ainda na época da *Grundlage* uma das partes essenciais e das mais célebres da mecânica racional. Fichte a conhecia? Pode-se supor com razão na medida em que a Física lhe interessava bastante, porque ele tira dela numerosas de suas comparações. Mas dois textos do filósofo transformam esta hipótese em certeza. Pois eles utilizam não somente a noção de choque, mas ainda o exemplo favorito dos teóricos do choque, aquele das bolas ou balas se reencontrando no curso de sua trajetória sobre uma superfície totalmente plana. É o célebre exemplo das <bolas de bilhar>. Encontra-se muitas vezes em Huyghens, Abade Mariotte, Malabranche, Leibniz e Kant, para citar alguns.

Na Moral de 1798, Fichte declara: <Quando, por exemplo, uma bola é posta em movimento por um choque, eu posso ver obviamente e de maneira imediata o movimento desta bola e perceber o ponto de onde ela parte como aquele onde ela para; eu posso conhecer da mesma maneira a velocidade a qual ela se move. Mas eu podia deduzir tudo isso da força com a qual a bola foi atingida...>¹². Encontramos o mesmo na *Destinação do Homem*: <Esta bola, quando ela colide pela minha mão com tal força determinada em tal direção definida, se move necessariamente nesta direção com uma quantidade de velocidade determinada, colide talvez com uma outra bola com esta mesma quantidade de força, esta outra bola movendo-se por sua vez a uma velocidade determinada, etc....>¹³.

Duas conclusões se impõem. Inicialmente, é manifesto que Fichte conhece a questão do choque dos corpos. Em seguida e por consequência, o choque da *Grundlage* é a transposição num contexto metafísico da noção que estudava a mecânica racional. A analogia que funda a transposição consiste em que o problema da consciência é imaginado à maneira do problema da física, a atividade do Eu como uma força ou um movimento. Mas aqui surgiu a interrogação decisiva. Por que, nestas condições, Fichte emprega a palavra *Anstoss*? Com efeito, a leitura de Kant ou do parágrafo consagrado ao choque pela Enciclopédia hegeliana mostram com evidência que o termo habitual para

¹² Fichte, *System der Sittenlehre* (1798), IV, 24-25.

¹³ Fichte, *Die Bestimmung des Menschen*, II, 294-295.

designar o choque era *Stoss* e não *Anstoss*¹⁴. Ela nos convence de que ele nunca é uma questão *An-Stoss* neste contexto. Por que então Fichte modificou o vocábulo transpondo-lhe o conceito? Esta modificação é significativa e, em caso afirmativo, qual é a sua intenção profunda?

III

Para responder a estas questões, diversas pesquisas de ordem linguística são indispensáveis. Nós apenas vamos expor aqui os resultados. Na medida em que estes tomam uma forma estatística, nós os damos sob reserva, pois não dispomos, para este estudo, de nenhuma outra técnica que a leitura atenta. Para este método, nós destacamos todos os empregos dos termos *Anstoss*, *Stoss*, *Anstossen* e *Stossen* no conjunto dos textos publicados por I. H. Fichte. A análise sistemática destes empregos e seus contextos respectivos nos permitiram tirar diferentes conclusões.

Constata-se de início que a palavra *Stoss*, que aqui designa o choque segundo os físicos, não está ausente do vocabulário fichteano. Mas ele é extremamente raro, pois apenas se encontram quatro repetições. Ele se situa cada vez num contexto concreto e seu sentido é inegavelmente <físico>; ele significa <choque> ou melhor, <golpe>. Mas – fato importante para nosso propósito – é ele que é utilizado na passagem da *Sittenlehre*, que nós já citamos. Este texto sem dúvida nenhuma trata da problemática do choque dos corpos, nós deduzimos disso que Fichte conhecia o uso lexical nesta matéria¹⁵. Mas é claro de outra parte que aos olhos de Fichte, *Stoss* e *Anstoss* não são, mesmo aproximativamente, sinônimos. Com efeito, em algum dos 32 casos onde se encontra *Anstoss* fora da *Grundlage* e do *Grundriss*, este não significa <golpe> ou <choque>. Descobre-se, pelo contrário, as significações de <impulsão> (ou <pôr em oscilação>), de <escândalo> (ou <surpresa>), e de <dificuldade> (ou <obstáculo>). Ele equivale a *Impuls*, a *Aergernis* ou a *Hindernis*¹⁶. *Anstoss*,

¹⁴ Cf. E. Kant, *Gedanken Über der wahren Schätzung der lebendigen Kräfte*, Edição da Academia de Berlim, I, p. 87. Igualmente: G.W.F. Hegel, *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften*, Hamburg, Meiner, 1969, pp. 217-220.

¹⁵ O verbo *Stossen* é empregado, em sua forma simples, cerca de cinquenta vezes. Seu sentido é concreto e abstrato, mas em geral bastante vago

¹⁶ Encontrar-se-à estas diferentes significações, por exemplo em : I, 436-437 e IV, 199-201; I, 181 e I, 522-523; VII, 251.

portanto, possui em Fichte um campo semântico mais largo que aquele do substantivo simples *Stoss*. A introdução de *Anstoss* aí, onde tudo indica que é preciso esperar *Stoss*, é por consequência significativa.

Duas objeções poderiam nascer aqui: a primeira nos oporia o fato de que, no famoso extrato da *Sittenlehre*, o verbo empregado é *anstossen* que nós, aliás, traduzimos por <colidir [*heurter*]>. A segunda sustentaria que Fichte não empregou *Anstoss* no sentido de <choque> fora da *Grundlage*, precisamente por reservar esta significação ao contexto metafísico. À primeira objeção, a resposta seria relativamente simples. É preciso, com efeito, compreender que o encontro da bola A com a bola B não é simplesmente uma colisão, mas, sobretudo, um pôr em oscilação, a comunicação de um movimento. Pode-se mesmo dizer que sendo dada a natureza do problema que Fichte quer ilustrar, o pôr em oscilação e o movimento resultante são muito mais importantes que o modo de encontro. A bola A dá uma impulsão (*anstösst, einen Anstoss gibt*) à bola B. O verbo *anstossen* é, portanto, empregado para insistir sobre este aspecto. Quanto à segunda objeção, ela nos parece repousar sobre uma afirmação gratuita, nada nos textos fichteanos deixam supor um tal desenho. Permanece então por determinar a intenção fichteana que transpareceria na substituição deliberada de *Anstoss* por *Stoss*. Quais nuances o prefixo *an* adiciona ao radical *Stoss*?

O *Anstoss* é ao mesmo tempo um choque originário (*Ur-stoss*) e um choque gerador de movimento. Ele é posto em oscilação absolutamente originária. O Dicionário Grimm assinala, com efeito, a equivalência das expressões *den Anstoss geben* e *den ersten Stoss geben*. Sua significação comum é <dar oscilação à> ou <pôr em oscilação>. O *An-stoss* é, pois, o choque primeiro que põe um sistema em movimento: ele é, poderia se dizer, a criação concebida mecanicamente. Fichte nos fornece, aliás, a prova. Ele declara na *Crítica de toda revelação*: <Deus deve abarcar inteiramente a série das causas e dos efeitos segundo as leis da natureza, pois ele tem livremente definido estas leis e dado oscilação (*den ersten Stoss gegeben*) a série das causas e dos efeitos>¹⁷? Impossível não pensar aqui no mecanismo cartesiano e no <piparote inicial>, no qual, segundo Pascal, Descartes resume o ato criador. Mas impossível

¹⁷ Fichte, *Kritik aller Offenbarung*, v, 40.

também negar a analogia entre a situação do *Anstoss*, fato primitivo necessariamente real como condição de possibilidade de toda representação e aquela do gesto criador instaurando nosso mundo, e necessariamente real, como condição daquele. Não é certamente sem razão que o *Anstoss* apareceu como um <*deus ex machina*>.

Vê-se agora que é muito simples e inexato traduzir *Anstoss* por <choque>. Sem dúvida *Anstoss* aparenta com o choque na medida em que a presença da raiz + *stoss* conserva nele a ideia de violência. Mas é sobretudo o princípio de um movimento (a reflexão), o pôr em oscilação do processo descrito na <Dedução da representação>, isto é, uma *impulsão originária*. Impulsão, porque é essencialmente dinâmica e criadora; originária, porque o choque é *der erste Stoss*.

IV

<Impulsão originária> é evidentemente mais claro e mais preciso que <choque>. Concordar-se-á sem dúvida que nossa análise pôs luz em certos aspectos até aqui mal definidos desta noção capital. Mas este interesse não seria puramente documentário? A interpretação da *Grundlage* seria modificada? Certamente não, pois nós tratamos apenas de uma questão prejudicial. Os problemas de interpretação permaneceram na sombra. Assim não procuramos determinar o *designatum* da metáfora do *Anstoss*, isto é, a realidade inerente ao espírito que pode ser comparada com uma impulsão originária. Permita-nos sugerir agora duas pistas que poderiam colocar uma solução a esta *Vexierfrage*.

Os comentadores afirmaram frequentemente que a <impulsão originária> designa metaforicamente a faculdade de imaginação considerada em seu aspecto produtor, isto é, criador. Não é sugestivo encontrar em nível da metáfora a noção de criação que caracteriza a faculdade em causa? Ou inversamente, o fato que a impulsão originária seja tão próxima do ato criador não o confirma por uma via independente, a relação que existe entre a metáfora e a imaginação produtiva?

De outra parte, uma breve passagem do *Naturrecht* de 1796 parece essencial para a compreensão da impulsão originária. Fichte aí está ocupado em demonstrar a intersubjetividade. A consciência de si, com feito, apenas é

possível como consciência livre. E ninguém pode tomar consciência de sua liberdade a menos que seja chamado à autodeterminação por outrem. <Por se descobrir como objeto (de sua reflexão), o sujeito não podia se descobrir como se determinando ele mesmo à autonomia... mas como determinado à autonomia por um *Anstoss* exterior que deve no entanto lhe deixar toda sua liberdade para a autodeterminação...>¹⁸. Esta impulsão originária seguramente é a ação exercida sobre o eu pelo outro, isto é, a exortação feita por aquele à liberdade do eu. Ela é a condição necessária da consciência de si. É preciso aproximá-la daquela da qual fala a *Grundlage*? Podemos identificá-la?

Tais interrogações se constatam, conduzindo a interpretação e a reconstrução do sistema, primeiramente, <des-estruturado> pela análise. Esta démarche segue naturalmente daquilo que nos empenhamos em realizar. Mas, não nos cabe empreendê-la aqui. Nós quisemos elucidar apenas um conceito que passava, indevidamente, por um dos mais conhecidos do sistema fichteano. E nós teríamos atingido nosso objetivo se este exemplo fosse assaz convincente para lembrar que a análise dos conceitos é uma tarefa modesta, mas indispensável e frutífera.

Data de Recebimento: 05 de janeiro de 2014;
Data de Aceite para Publicação: 10 de janeiro de 2014.

¹⁸ Fichte, *Grundlage des Naturrechts*, III, 33.